



*Agenda 150 Anos de Memória  
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao  
Desembargador Nereu Cesar de Moraes*

*16/12/2015*

# ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. José Renato Nalini (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

PALAVRAS PROFERIDAS - Min. Sydney Sanches (Presidente do Conselho Superior de Assuntos Jurídicos e Legislativos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp)

PALAVRAS PROFERIDAS - Des. Antonio Carlos Munhoz Soares

PALAVRAS PROFERIDAS - Des. Paulo Dimas de Bellis Mascaretti

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Amanda Guerra de Moraes Rego Sousa  
(filha do homenageado)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador **Nereu Cesar de Moraes**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

Familiares, amigos e colegas de Magistratura homenagearam o desembargador Nereu Cesar de Moraes, no Palácio da Justiça, em mais um evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**. O objetivo do projeto é resgatar o exemplo deixado pelos magistrados de outrora às atuais gerações.

Nereu Cesar de Moraes nasceu em Itapetininga, em 1924. Formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) em 1946. Ingressou no funcionalismo público no ano de 1943, como escriturário do Tribunal de Justiça, onde, 45 anos depois, seria presidente. Integrou o Ministério Público entre 1948 e 1967. Foi nomeado pelo critério do Quinto Constitucional para o cargo de juiz do Tribunal de Alçada em 1967 e promovido a desembargador em 1977. Assumiu a Presidência do TJSP no biênio 1988-1989. Aposentou-se em 1994 e faleceu em agosto de 2015.

O presidente do Tribunal, desembargador **José Renato Nalini**, discursou em nome da Corte:

Pessoas que encontramos profundamente nos transformam, nos modificam, nos constroem. Experimentei essa verdade ao conviver com o Desembargador **NEREU CESAR DE MORAES**.

Ele já era uma lenda na década de setenta e, por isso mesmo, sobrepairava a uma distância apenas mensurável em anos-luz do ainda jovem magistrado que sempre ouvira relatos sobre sua erudição e capacidade. Ainda estudante, os professores que integravam o Ministério Público eram pródigos ao elogiar a figura austera, senhorial e fidalga de **NEREU CESAR DE MORAES**. Lembro-me com que admiração me narravam episódios de sua atuação junto ao Governo **CARVALHO PINTO**, os mestres **JORGE LUIZ DE ALMEIDA**, **HÉLIO QUADROS ARRUDA**, **DJALMA NEGREIROS PENTEADO** e **MARINO FALCÃO LOPES**, outra figuras exponenciais do *Parquet*.

Isso porque integrava o Ministério Público por quase vinte anos: de 1948 a 1967. Desde 1965 era Procurador de Justiça e, dois anos depois, viera para o Judiciário pelo critério do Quinto Constitucional. Ainda não se completara o ciclo iniciado em 1943, quando nomeado escriturário da Secretaria do Tribunal de Justiça, instituição que viria a presidir quarenta e cinco anos depois.

Sua retidão e tirocínio o haviam levado a múltipla atuação no Governo de São Paulo: oficial de gabinete do Secretário da Segurança Pública, Diretor Geral da Secretaria da Segurança Pública, Diretor do Departamento de Institutos Penais do Estado, Chefe do Serviço de Cooperação com os Municípios do estado, sempre conquistando simpatia e reconhecimento de quantos assistiam à sua contínua ascensão, resultante de méritos próprios e submetidos a constante lapidação.

A tais referências outras muitas se acrescentaram quando ingressei no Ministério Público em 1973. Vieram os relatos de **HERMINIO ALBERTO MARQUES PORTO**, **RUBENS TEIXEIRA SCAVONE**, **GILBERTO QUINTANILHA RIBEIRO**, **ZULEIKA SUCUPIRA KENWORTHY**, **DARIO DE ABREU PEREIRA**, **JOACHIM WOLFGANG STEIN**, **HERMES PINOTTI** e **AGRIPINO VIEIRA DE SOUZA** entre tantos.

Ao chegar a esta imponente Casa, a fama de **NEREU CESAR DE MORAES** estava consolidada. Era o incansável batalhador e o mais eficiente dentre os chamados a enfrentar desafios. Nada o assustava. A refletir sua trilha gloriosa, a postura corporal evidenciava o perfil maiúsculo de gigante moral. O caminhar seguro e firme, os passos largos, a desenvoltura com que percorria célere estes corredores, tudo testemunhava o caráter confiante, alicerçado em sólidas convicções, pleno de substância. Com certeza, a pessoa mais culta com quem tive a ventura de conviver. Provido de uma cultura aplicada ao aperfeiçoamento da mentalidade e do espírito humano, longe de apenas se auto-ornamentar. Cultura compartilhada nos inúmeros escritos que constituem legado imperecível, pois perenizados em publicações constantemente consultadas.

Meu testemunho é o de alguém que recorre aos ensinamentos de **NEREU CESAR DE MORAES** contidos nos livros *“Entre Palavras”* e *“Senhoras & Senhores”*, repositórios de pensamentos colecionados durante uma existência toda e os pronunciamentos paciente e fervorosamente elaborados com incedível zelo. Seus discursos, manuscrevia-os com apuro, depois de pesquisa



acurada.

A obra do Desembargador NEREU CESAR DE MORAES exorta a nós todos e a cada um de nós, seus legatários, a prosseguir na batalha interminável de redução das imperfeições pessoais e a insistir na busca de um particular tipo de perfeição. Aquele norte de perfectibilidade conducente a atingir os mais elevados ideais. A procura permanente de concretização das potencialidades, a eterna cruzada rumo à consecução da plenitude possível aos seres humanos.

Muito aprendi e continuo o aprendizado com o exemplar raro e completo de excelência que foi o Desembargador NEREU CESAR DE MORAES. Nada nele faltava, nada nele sobrava. Era uma primícia paradigmática. Era a comprovação cabal de que nenhuma perfeição com exclusão de outras, pode conferir cultura integral a alguém. Pois é sabido *“que boas maneiras sem educação, inteligência ou sensibilidade para as artes, tendem ao mero automatismo; que erudição sem boas maneiras ou sensibilidade é pedantismo; que a habilidade intelectual desprovida de atributos mais humanos é admirável apenas nos mesmos termos em que o brilho de uma criança prodígio no xadrez o é; e que as artes sem o contexto intelectual são vaidade”*.<sup>1</sup>

A trajetória existencial do Doutor NEREU foi um projeto exitoso de exuberante disseminação de cultura. Sua preocupação com o aprimoramento das instituições às quais ofereceu desvelo e devotamento adquiriu o significado de verdadeiro plano educativo. Pois *“educação é o processo através do qual a comunidade busca abrir sua vida para todos os indivíduos que a compõem e habitá-los para que nela tomem seu lugar. Ela busca transmitir-lhes sua cultura, incluindo os padrões segundo os quais ela os faria viver. Onde essa cultura é vista como final, é feita a tentativa de impô-la às mentes mais jovens. Onde ela vista como um estágio de desenvolvimento, as mentes mais jovens são treinadas tanto para recebê-la quanto para criticá-la e melhorá-la”*.<sup>2</sup> O propósito da educação é transmitir cultura. Neste Tribunal, hoje o maior do planeta, o Presidente NEREU sempre se preocupou com o treino adequado dos homens e mulheres de que a época necessita. Não foi por acaso que, depois de presidir a Corte, aceitou dirigir a Escola Paulista da Magistratura. Por isso a permanência, simultânea à transformação, de um modelo educacional levado a sério.

Nosso homenageado partilhava a concepção de que o juiz exerce função docente, queira ou não, cumule a jurisdição com o magistério ou se recuse a dividir seu tempo e expertise com o alunado. Pois há múltiplas formas de ensinar. A mais eficaz dentre elas é o exemplo. Um grama de exemplo vale mais do que uma tonelada de discurso. O comportamento do Desembargador NEREU CESAR DE MORAES era um curso de pós-graduação em sapiência.

Como transmitia ele sua sabedoria? Por todas as formas. Primeiro, transmitia uma sensação de completo bem-estar. Era um homem feliz. Feliz com sua família, feliz com sua carreira, feliz com os coetâneos. Feliz consigo mesmo.

*“Existe apenas um dever: ser feliz”, escreveu Diderot. Mas quem sabe realmente o que é “ser feliz”? Será um bem-estar indefinível, que às vezes acreditamos apreender e que escapa no momento seguinte, para retornar quando menos esperamos? Será uma emoção brotada não se sabe de onde, que nos inunda sem sabermos de fato por quê? Um sentimento de plenitude? Ou, mais simplesmente, a consciência de que, no fundo, não somos tão infelizes?*

*E se ser feliz fosse ter serenidade? Pela definição do dicionário Larousse, a serenidade é um estado de sossego proveniente de uma paz moral que não é perturbada. Mas poderíamos acrescentar, sem risco de erro, que a serenidade decorre da aceitação das coisas e dos acontecimentos. É uma tomada de consciência. Contentarmo-nos com o que temos, submetermo-nos a nosso destino e tirar dele o melhor partido possível é viver serenamente. “Não peças que as coisas aconteçam como desejas. Mas deseja que elas aconteçam como acontecem, e serás feliz”, resume Epiteto, que era escravo (e, além disso, um escravo maltratado), porém contente com sua sorte?*

NEREU CESAR DE MORAES transmitia tal intrepidez perante as vicissitudes, - e quem as não enfrenta? - que parecia haver assimilado o ensinamento de Sêneca:

*“Felicidade é uma alma livre, elevada, intrépida, constante, inacessível ao temor e ao desejo, para a qual o único bem é a moralidade, o único mal é o aviltamento e todo o restante é um amontoado de coisas incapazes de subtrair ou acrescentar algo à felicidade, indo e vindo sem aumentar nem diminuir o soberano bem. Um princípio tão solidamente estabelecido provocará necessariamente, queira-se ou não, uma alegria contínua, um júbilo profundo e que vem do fundo do ser, pois a alma deposita sua alegria no que ela possui e nada deseja além do que encontra ao seu redor.”*<sup>3</sup>

Conciliava erudição, habilidade, aptidão, competência e capacidade de trabalho com extrema polidez. *“Quando se recorre às formas de polidez, tudo vai melhor, tanto é verdade que a forma - às vezes - é quase tão importante quanto o fundo. Por isso, empenhamo-nos em ser mais amáveis, respeitar mais os outros e preocupar-nos mais com as convenções”*. Ser polido é lubrificar as engrenagens da vida social. *“Polidez é uma moeda que enriquece não quem a recebe, mas sim quem a dispense”*<sup>6</sup>.

1 ELIOT, T.S., *Notas para a definição de cultura*, São Paulo: Realizações Editora, 2011, p.25.

2 ELIOT, T.S., op.cit., citando propostas sobre o propósito da educação.

3 RAMBERT, Catherine, *O Livro da Serenidade*, São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.13/14.

4 Sêneca, *Da vida feliz apud*, RAMBERT, Catherine, op.cit., idem, p.59.

5 RAMBERT, Catherine, op.cit., idem, p.307.

6 Provérbio persa.



Não se desconhece que é irrepetível cada ser humano, heterogeneidade singular, sem réplicas, sem clones, sem reprodução. Mas há personalidades cuja elevação d'alma fazem efetivamente impossível sequer imaginar-se uma identidade de estatura. Assim foi o Desembargador NEREU CESAR DE MORAES. Um homem elegante, cavalheiresco, fidalgo. E um homem que encontrava prenúncios favoráveis mesmo quando a borrasca se avizinhava.

Quantas vezes dele ouvi:

*“Nada de pessimismos e de desalentos; os homens passam, as instituições ficam; o homem fica e a cada momento poderá repetir que se sente como se tivesse mil anos, porque entesoura, no fundo de seu íntimo, toda a epopeia dos que o precederam no palco da vida, para levá-la adiante, a fim de entregar o bastão aos seus pósteros. Só os eleitos podem sofrer a nostalgia do infinito, que lhes aponta o mundo da perfeição e da verdade, não importa que ouvindo hinos através de tempestades, divisando cimões rodeados de tenebrosos abismos. Contentemo-nos com fecundar os nossos dias, emprestando aos nossos irmãos o que a vida nos prodigaliza”.*<sup>7</sup>

NEREU CESAR DE MORAES semeou, a colheita compensou a sua messe. Seu legado é fecundo e permanente. Inspiramos a prosseguir, confiantes de que entre o espaço que me foi reservado para vivenciar a minha aventura terrena, não há senão “dois passos: a vontade e a fé!”<sup>8</sup>

O ministro **Sydney Sanches**, presidente do Conselho Superior de Assuntos Jurídicos e Legislativos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), revelou, pela primeira vez, como Nereu Cesar de Moraes desempenhou papel importante em sua nomeação para o Supremo Tribunal Federal (STF). “Hoje, de coração aberto, torno público esse agradecimento para demonstrar o que Nereu Cesar significou em minha vida.”

O legado familiar e as origens em Itapetininga foram lembrados pelo ex-vice-presidente do Tribunal de Justiça e ex-corregedor-geral da Justiça paulista, desembargador **Antônio Carlos Munhoz Soares**. “A vinculação da vida de Nereu à Itapetininga é tão forte que nós, seus conterrâneos mais antigos, não podemos esquecê-la, sob pena de indesculpável omissão.”

O presidente do Tribunal de Justiça eleito para o biênio 2016-2017, desembargador **Paulo Dimas de Bellis Mascaretti**, lembrou que, ao ingressar na Magistratura, conheceu a fama de grande orador referendada ao homenageado. “Prestamos, aqui, tributo a um grande homem e magistrado, defensor das causas humanísticas e da Justiça.”

Em nome da família, discursou a filha de Nereu, **Amanda Guerra de Moraes Rego Sousa**:

Exmo. Desembargador Dr. José Renato Nalini, Digníssimo Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Saúdo Vossa Excelência e, na pessoa de Vossa Excía., os nobres Desembargadores do Tribunal Bandeirante e as autoridades presentes.

Dignos Servidores da Casa.

Prezados parentes e amigos do Desembargador Nereu Cesar de Moraes.

Mui dignas Sras.

Caros Senhores.

A homenagem de alto significado prestada, hoje aqui, a meu pai, o Desembargador Nereu Cesar de Moraes, honra e reverencia sua memória e distingue sobremaneira seus familiares, dos quais, nessa oportunidade, sou porta-voz!

Insere-se entre aquelas recompensas inesquecíveis e marcantes, que os seus pósteros incumbir-se-ão de legar uns aos outros, como um bem, uma relíquia de família, para exemplo das gerações.

Na Primavera de 1943, quando o Tribunal de Justiça completava sete décadas de existência, papai, com 19 anos de idade, e como acadêmico das Arcadas da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, ingressava pela primeira vez, nos átrios desta

7 MORAES, Nereu Cesar de, *Senhoras & Senhores*, São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997, p. 224.

8 MORAES, Nereu Cesar de, op. Cit., idem, p. 225, citando Balzac.



Casa da Justiça Paulista.

Assumiria, naquela ocasião, a posição de quinto escrivão do quadro da Secretaria deste Tribunal, função que se afeiçoava à sua condição de acadêmico!

Seguramente, não lhe ocorria naquela oportunidade que ali lançaria âncoras, como ele próprio salientaria mais tarde, “para orientar a proa de seu barco nas sendas... do ideário desta Casa” e onde a vida lhe concederia “todas as distinções e dignidades, com as quais poderia galardoá-lo”.

Podemos vê-lo chegando... transpondo o imponente portal de entrada com a chama da Esperança (chama que já naquele momento o iluminava...), tendo acesso ao imponente Salão dos Passos Perdidos...

Podemos ainda vislumbrar seu olhar jovem, certamente deslumbrado, percorrendo o perímetro do grande salão, ladeado por suntuosas escadarias de mármore e ornado pelas belas colunas jônicas de granito vermelho, com as bases e os capitéis de bronze...

Tive oportunidade, cinco décadas depois, de percorrer com ele, já como Presidente do Tribunal de Justiça, esse mesmo caminho e sentir nele o renovar de suas emoções daqueles primeiros dias!

Papai viria a graduar-se na memorável turma de 1946, da qual emergiram iminentes figuras das fileiras paulistas: juristas, acadêmicos, professores, jornalistas, políticos que orgulham a nós todos os brasileiros, nos diversos desdobramentos das atividades em que os Bacharéis do Direito tem papel de destaque.

Em 1948, ingressou no Ministério Público; em 1967 foi convocado, pelo quinto constitucional, para o então único Tribunal de Alçada de São Paulo e, dez anos após, foi agraciado com o cargo de Desembargador...

...sempre devoto da Justiça; sempre inflamado com a fé em seu perfeito desempenho, entendendo a Judicatura como um Magistério extraordinário!

Verdadeiramente, se muito fez, foi porque muito creu na advertência do Eclesiástico: tornou-se juiz “porque tinha força para buscar erradicar a injustiça e buscar destruir a iniquidade!”

Papai exerceu o seu protagonismo, na profissão e na vida pessoal, de maneira simples e singular: como “um itapetiningano”, no seu dizer repleto de orgulho de origem e dos princípios do berço republicano, democrático e cristão, em que nasceu, se criou e nos embalou!

Esses marcos em sua caminhada foram sintetizados em sua resposta ao repórter, que lhe pedira informar-lhe, em duas linhas, como chegara à Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo: “Cheguei à Presidência do Tribunal de Justiça, porque nasci em Itapetininga, porque pertenço à turma de 1946 da Faculdade de Direito do largo de São Francisco e porque tive a ventura de ser sagrado Magistrado em minha Terra”.

Para ele ser itapetiningano sempre foi: ter amor às tradições; emprestar riqueza às singularidades da vida; valorizar a cultura; confiar em sua terra e em sua gente...

Nele, as raízes plantadas por seus ancestrais vicejaram portentosamente, porque Itapetininga povoou, com uma grande reserva de provisões de valores e de sentido: sua própria vida, suas esperanças, seus sonhos e os planos que “foram se cumprindo ao longo de toda sua existência...”

Por ocasião de sua aposentadoria, ele pôde sentir o abraço de todos que o acolitaram, o abraço (cumprido nele, em parte) do ideal de “Piratininga, a mais nobre rima para Itapetininga”, como lhe asseverou o poeta Paulo Bonfim, na cerimônia de despedida.

Assim sendo, expresso o melhor reconhecimento, em nome de minha família e no meu próprio, pela inserção do nome de Nereu Cesar de Moraes entre os que contribuíram para a pujança da Justiça Paulista, porque ligaram o seu destino ao destino da causa judiciária bandeirante e à grandeza dessa Casa, cujo edifício de pedra, Ramos de Azevedo concebeu, e o edifício de pedras-vivas, mais uma vez o poeta Paulo Bonfim bem delineou: “Palácio, (onde) os passos não são perdidos (e onde se identifica), no recordar das comarcas, na palpitação das câmaras, no dourado das plenárias... a esperança que renasce, o ideal de Piratininga, o brio de nossa gente (e) a confiança que desponta na aurora de nossos tempos!”

Muitíssimo grata a todos!<sup>9</sup>

Prestigiaram o evento o corregedor-geral da Justiça de São Paulo, desembargador José Carlos Gonçalves Xavier de Aquino; o ex-vice-presidente do TJSP, desembargador Jarbas Coimbra Mazzoni; o ex-vice-presidente do

9 Em uma de suas várias anotações, Papai lembra Maeterlinck, o qual adverte, no Tesouro dos Humildes que: “não há um gesto, um pensamento, ...uma lágrima ou um átomo da consciência adquirida que se perca, nas profundidades da terra; e que ao mais insignificante dos nossos atos, os nossos avoengos se levantam, não nos seus túmulos, onde não se mexem, mas no fundo de nós próprios, onde vivem sempre!”



Tribunal de Justiça Militar de São Paulo, juiz coronel PM Fernando Pereira; o chefe de gabinete da Presidência e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; a viúva do homenageado, Armanda Maria Guerra de Moraes; as filhas Ana Cristina Guerra de Moraes Marcondes e Ana Lúcia Guerra de Moraes; os genros José Eduardo e Homero; os netos Maurício, Roberta, Pedro, Gabriela, Livia, Valéria e Fábio; demais desembargadores, juizes, autoridades civis e militares, servidores, amigos e familiares.

